# Educação antirracista e Educação Infantil: pensando caminhos, (des)construindo trajetórias.

***A carne mais barata do mercado é a carne negra,***

***Que vai de graça pro presídio e para debaixo do plástico,***

***Que vai de graça pro subemprego e***

***Pros hospitais psiquiátricos***

O presente artigo relata a trajetória de uma creche/pré-escola no bairro de Santa Teresa, conveniada à prefeitura do Rio de Janeiro, vinculada à ONG Instituto Trilho. Essa instituição atende à cem crianças em condição de vulnerabilidade, entre 2 e 6 anos de idade e, em função da Lei 10.639/03, precisou criar mecanismos de enfrentamento ao racismo estrutural e com isso, fez-se necessário repensar sua própria concepção de Educação.

A experiência relatada nesse artigo aconteceu nos anos de 2022 e 2023 e refere-se à experiência vivida na parceria entre Instituto Trilho e pelo Instituto Promundo no que tange às propostas e encaminhamentos à toda comunidade escolar que se desdobraram em ações efetivas de real enfrentamento ao racismo historicamente instituído e estruturado em nossa sociedade.

Palavras chave: educação Infantil, antirracismo, necropolítica, cultura.

**Introdução:**

Nunca se ouviu falar tanto de racismo e sobre a necessidade de combatê-lo veementemente. Os veículos de comunicação, sobretudo as redes sociais, denunciam a todo tempo situações em que o racismo se faz presente e, consequentemente, nos coloca nesse debate, fazendo-se urgente ações, protagonizadas em diferentes esferas (sociais, culturais, políticas, jurídicas, econômicas e éticas) que efetivamente façam frente ao racismo.

A experiência de ser criança negra no Brasil ocorre na adversidade do racismo brasileiro e essas crianças podem enfrentar maior exposição ao estresse tóxico por traumas e a situações de pobreza devido ao racismo.

A sociedade brasileira foi a última do planeta a abolir a escravidão. Velhos hábitos que assolam o cotidiano e provocam o extermínio do povo preto na produção de uma degradação ética, moral, social, afetiva, psíquica, econômica e institucional, configurando em uma necropolítica que torna natural a negação do direito de existir do povo preto e determina quem deve viver e morrer em nossa sociedade.

Pensar numa educação antirracista exige reconhecer a existência do racismo e de uma necropolítica, sem negá-los, como aponta Kilomba (2019), ao dizer que *uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas e nem permite que seja a responsabilização e não a moral, a criar novas configurações de poder do conhecimento.*

Nesse viés, a escola como espaço público, produtor de saberes e culturas, que abriga uma enorme diversidade de cidadãos, tem o dever ético de proporcionar a equidade entre os indivíduos, acolhendo as diferenças e firmando-se como lugar de potência para transformações sociais significativas.

**Uma educação antirracista**

Pensar numa educação infantil institucionalizada e antirracista, exige entender as crianças a partir do seu papel ativo na sociedade, como produtoras e detentoras de conhecimentos, de cultura, sujeitos multiplicadores de saberes dentro e fora dos espaços educativos. As crianças são capazes de vislumbrar outros cenários e novos contextos no combate ao racismo e à necropolítica. As crianças negras tanto ocupam lugares nessa necropolítica, como são agentes transformadores desse cruel quadro político que as extermina.

Embora as crianças nasçam em uma sociedade culturalmente racista, elas são capazes de entender e de combater o racismo. E a esses seus processos “educativos” de ressignificação de valores, os adultos precisam aprender com elas sobre vitalidade, ousadia e coragem para experimentar novas formas de viver e estar no mundo. As crianças subvertem a ordem, transcendem o olhar e desafiam o mundo!

Nessa perspectiva, Kilomba (2019) destaca:

Antes de uma criança negra ter lançado o olhar para uma pessoa branca, ela já foi bombardeada com a mensagem de que a branquitude é tanto a norma quanto superior, diz Fanon. A criança é forçada a criar uma relação alienada com a negritude, já que os heróis desses cenários são brancos e as personagens negras são personificações de fantasias brancas. Apenas imagens positivas, e eu quero dizer imagens “positivas” e não “idealizadas” da negritude criadas pelo próprio povo negro, na literatura e na cultura visual, podem desmantelar essa alienação.

A obrigatoriedade da escolaridade a partir dos 4 anos e a exigência legal sobre a inclusão da história negra nos currículos veio exigir um combate permanente ao racismo desde cedo e, para isso, a Cantinho Feliz estabeleceu prioridades de ações com foco na pauta antirracista. Para além de discussões e reflexões importantes, não se negligenciou uma necessária construção da identidade positiva das crianças, prevista inclusive nos princípios éticos da educação infantil.

Em paralelo à uma formação ativa de professores e responsáveis, aprofundaram-se as ações entendendo como Diangelo (2018), que “não basta que os brancos não sejam racistas, é preciso que todos sejam antirracistas”. A luta antirracista, é uma luta de todos!

**O Instituto Trilho:**

O Instituto Trilho, fundado em 1997, é uma organização não governamental, sem fins lucrativos e apolítica e tem como missão articular meios que promovam o desenvolvimento social e humano das famílias em situação de vulnerabilidade social. No bairro de Santa Teresa, o trabalho do Instituto funcionou como uma ferramenta de fortalecimento das famílias na busca de promover o seu desenvolvimento integral, a cidadania e fortalecer a todos para o enfrentamento das desigualdades sociais.

Segundo dados do Censo 2010/IBGE, o bairro de Santa Teresa, possui uma população residente em favelas de 12.841 moradores, distribuídos em 19 comunidades, marcadas por uma forte influência de violência derivada do tráfico.

**A Creche Cantinho Feliz de Santa Teresa:**

A Cantinho Feliz é o maior projeto “em número” de atendidos pelo Instituto Trilho. Ela atende, em regime de horário integral a 100 crianças, divididas em quatro grupos por idade. São oferecidas ainda atividades como capoeira, informática, artes e educação ambiental.

A equipe gestora promoveu reuniões com a equipe pedagógica, com os responsáveis, para discutir a elaboração de relatórios e de jornadas pedagógicas, realizou oficinas, fez encaminhamentos para a rede, ofereceu suporte psicossocial às famílias, sempre tendo como pano de fundo a pauta antirracista.

**O Instituto Promundo:**

O Instituto Promundo é uma organização brasileira, que trabalha para promover a igualdade de gênero, para prevenir violência envolvendo homens e meninos, em parceria com mulheres e meninas através de programas, campanhas e esforços baseados em pesquisas rigorosas. Atua nas atividades de formação da Cantinho Feliz e, um dos programas encampados pelo Instituto Promundo é o PIA – Primeira Infância Antirracista. Uma iniciativa do UNICEF Brasil em parceria com o Instituto Promundo. A estratégia PIA – Primeira Infância Antirracista consiste numa campanha de comunicação que oferece materiais informativos e indutores de práticas antirracistas nos diferentes serviços de atendimento às gestantes, crianças negras e indígenas de até 6 anos, além de suas famílias. É nesse contexto que está abrigada a parceria do Instituto Trilho com o Instituto PROMUNDO.

**As frentes de atuação:**

O maior desafio da Creche Cantinho Feliz, junto com seus parceiros, consistiu e em pensar a Educação infantil e a criança para além dela mesma, para além dos muros das creches e pré-escolas, o que exige o envolvimento de outros atores para trabalharem junto com a equipe envolvida no trato com as crianças, e com as próprias crianças em si. Pais, mães, responsáveis e tutores se dispuseram a refletir sobre suas ações e condutas na educação direta dos seus filhos e filhas, nas questões de gênero, raça, cultura, etc., como prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8069/90, sobre deveres do pai e da mãe.

Para ampliar essa ação, nasceu a parceria entre o Instituto Trilho e o Instituto Promundo, iniciada em 2022, com diferentes tônicas, com uma mesma pauta:enfrentamento do racismo e práticas antirracistas.

* **Capacitação de equipe**: encontros semestrais da equipe da Creche e Pré Escola Cantinho Feliz e também os colaboradores dos demais projetos ofertados pelo Instituto Trilho.
* **Roda de Leitura:** semanalmente, com todos os grupamentos da creche e pré-escola para a contação de histórias pré selecionadas pela equipe do Instituto Promundo em parceria com a equipe da Creche Cantinho Feliz.
* **Programa P (Pais):** com o Instituto Promundo e foco a figura masculina da paternidade. São encontros mensais com pais, mediados por uma figura também masculina, sem a participação das mulheres.
* **Programa M (Mães):** parceria entre o Instituto Trilho e PROMUNDO, com grupos de debates dirigido a mulheres, com foco questões de gênero.

**Desdobramentos:**

Embora exista ainda uma lacuna pela falta de uma pesquisa consistente sobre os efeitos das ações realizadas através da parceria com o Instituto PROMUNDO e o Instituto Trilho, aconteceram mudanças positivas no comportamento dos pais, das mães, dos responsáveis, dos tutores, dos educadores e de todos os envolvidos no trato direto com as crianças e também dos demais funcionários do Instituto Trilho. Houve, também, mudanças no comportamento das crianças que passaram a se perceber, nomear e identificar, valorizando suas características individuais e sentindo-se pertencidas.

Os relatos dos pais demonstraram sua maior atuação em suas paternidades, mais presentes e participantes do cotidiano da creche e da pré-escola, interessados e envolvidos com suas crianças, relatos confirmados por muitas mães.

Num momento futuro, será importante desenvolver um estudo aprofundado quanto aos impactos quantitativos e qualitativos desses programas, o que poderá acontecer em parcerias com universidades e/ou pesquisadores que se interessem pelo assunto.

**Considerações finais:**

Questões referenciadas no racismo, homofobia, desigualdade de classes, xonofobia, bulling, preconceito, entre outras, ocupam a mídia, a vida de todos, e precisam estar na pauta da Educação em todos os níveis. Os espaços educativos, por sua vez, precisam criar mecanismos de enfrentamento dessas questões e promover diálogos, debates, trocas de experiências a respeito dessas temáticas.

As crianças não nascem preconceituosas, racistas, violentas, machistas ou com qualquer outra característica dessa natureza. Se elas aprendem a ter comportamentos inadequados em relação aos outros, no convívio social, podem vir a aprender novas formas de ver e compreender a si mesma e aos demais.

Como nos diz Esposito (2010), o preconceito racial se instalou no Brasil desde a sua fundação e se sustenta num “passado que não passou” e que, portanto, se atualiza todos os dias, nas mais variadas formas de discriminação racial e de preconceitos que produzem a morte simbólica e concreta de pessoas negras.

O Instituto Trilho e o Instituto Promundo contribuíram muito na busca e no encontro de caminhos que promoveram mudança e transformação social qualitativa para todos, sustentadas no tripé educação, saúde e assistência, como vem fazendo na Creche Pré-escola Cantinho Feliz.

**Referência Bibliográfica:**

DIANGELO, Robin. Não Basta Não Ser Racista: sejamos antirracistas. Trad: Marcos Marcionilo. São Paulo: Faro Editorial: 2018.

BRASIL. Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http//www.planalto.gov.br]ccivil\_03/LEIS/L8069.htm#art22>.

CONSTITUIÇÃO FEDERATIVA DO BRASIL: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

ESPOSITO, R. Bios: Biopolítica e filosofia. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2010.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Trad: Jess Oliveira. Rio de janeiro: Cobogó, 2019.

LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017. SANTOS, Boaventura de Sousa. O Fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul. Almedina. 2019.